



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

ROSENILDA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DO ACERVO DE
XILOGRAVURA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA**

Cachoeira

2013

ROSENILDA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DO ACERVO DE
XILOGRAVURA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Ana Paula Soares Pacheco.

Cachoeira

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

ROSENILDA RODRIGUES DE OLIVEIRA

DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 26 de setembro de 2013.

Banca Examinadora

Ana Paula Soares Pacheco (Orientadora) _____
Mestre em Ciência da Arte- UFF
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Rita de Cássia Salvador de Sousa Barbosa _____
Mestre em História Social - UFBA
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

João Carlos Lima Costa _____
Especialista em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional- IAN
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todos os momentos vividos, por cada conquista, por cada aprendizado,. Contemplo agora o sabor da vitória, tendo, acima de tudo, a convicção de que vale a pena confiar em Deus, com ele serei mais que vencedora.

Aos meus pais que são a minha fortaleza Elizete e João Alberto, as pessoas com quem eu posso contar sempre. A meu irmão Ademilton e minha irmã Josiete por me apoiar nestes quatro anos. Sou grata a todas as pessoas que faz parte da minha família e aqueles que direta ou indiretamente estiveram comigo durante esta jornada.

Agradeço aos meus colegas de sala, em especial a minha grande amiga Rosana Xavier que me deu força, orientando sempre que necessário e dizendo: Nós vamos conseguir, amiga!

Agradeço, sobretudo, a minha querida prima Lisânia, que me ajudou também nesta minha caminhada.

Aos professores do Colegiado de Museologia que sempre me incentivaram a prosseguir. À minha orientadora Ana Paula Soares Pacheco pelo carinho e incentivo; bem como o funcionário da UFRB João Carlos Lima Costa pela dedicação.

A todos o meu profundo agradecimento, sem vocês seria impossível concluir esta etapa da minha vida.

.

DEDICATÓRIA

*A Deus, meu pai, meu Tudo!
A ti Senhor, louvor, honra, glória e
majestade para sempre.*

RESUMO

A documentação museológica tem como objetivos registrar, salvaguardar e disseminar a produção de conhecimento de qualquer acervo pertencente a uma instituição museológica. No entanto, apesar de possuir uma relevância ímpar, a documentação museológica ainda é negligenciada em algumas instituições. Isto ocorre, porque a documentação é um trabalho que acontece nos bastidores e muitas vezes, não ocorre por falta de infraestrutura, de pessoal ou acúmulo das inúmeras funções que o profissional museólogo desempenha. Este trabalho de conclusão de curso tem como finalidade documentar dez obras da Coleção São Paulo, referente ao acervo de xilogravura da Fundação Hansen Bahia. A escolha metodológica foi a pesquisa-ação, já que este método propicia um envolvimento total do pesquisador com o objeto de estudo. É necessário que se construam conhecimentos relacionados à documentação museológica, para que a própria instituição Fundação Hansen Bahia e outras instituições reflitam sobre suas práticas profissionais.

Palavras-Chaves: Documentação museológica- Acervo- Xilogravura- Fundação Hansen Bahia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|------------------|--|-----------|
| FIGURA 1- | Mapa de localização..... | 14 |
| FIGURA 2- | Portal da cidade de Cachoeira..... | 16 |
| FIGURA 3- | Fachada do Prédio da Fundação Hansen..... | 18 |
| FIGURA 4- | Retrato e auto-xilogravura de Hansen Bahia..... | 19 |
| FIGURA 5- | Casal Hansen Bahia e Ilse..... | 20 |
| FIGURA 6- | Sala da Reserva Técnica- Cachoeira..... | 39 |
| FIGURA 7- | Prateleira onde estão guardadas as obras..... | 39 |

LISTA DE DESENHO E ANEXOS

| | | |
|---|--------------------------------------|-----------|
| DESENHO 1- Fluxograma dos procedimentos utilizados na Documentação Museológica | Erro! Indicador não definido. | 38 |
| ANEXO 1- Ficha Catalográfica do acervo de xilogravura da coleção São Paulo..... | | 50 |
| ANEXO 2- Ficha Catalográfica do acervo de xilogravura da coleção São Paulo..... | | 51 |
| ANEXO 3- Ficha Catalográfica do acervo de xilogravura da coleção São Paulo..... | | 52 |
| ANEXO 4- Ficha Catalográfica do acervo de xilogravura da coleção São Paulo..... | | 53 |
| ANEXO 5- Ficha Catalográfica do acervo de xilogravura da coleção São Paulo..... | | 54 |
| ANEXO 6- Ficha Catalográfica do acervo de xilogravura da coleção São Paulo..... | | 55 |
| ANEXO 7- Ficha Catalográfica do acervo de xilogravura da coleção São Paulo..... | | 56 |
| ANEXO 8- Ficha Catalográfica do acervo de xilogravura da coleção São Paulo..... | | 57 |
| ANEXO 9- Ficha Catalográfica do acervo de xilogravura da coleção São Paulo..... | | 58 |
| ANEXO 10- Ficha Catalográfica do acervo de xilogravura da coleção São Paulo..... | | 59 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------------|---|
| FHB | Fundação Hansen Bahia. |
| ICOM | Conselho Internacional de Museus. |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. |
| UFRB | Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. |
| IPHAN | Instituto do Patrimônio e Histórico Artístico Nacional. |
| IHGB | Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. |
| MINOM | Movimento da Nova Museologia. |
| CIDOC | Comitê Internacional de Documentação. |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia. |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1-INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2- O Município de Cachoeira e a Fundação Hansen Bahia..... | 14 |
| 2.1- Breve Histórico de Cachoeira | 14 |
| 2.2- A Fundação Hansen Bahia..... | 17 |
| 2.2.1- Hansen Bahia: Vida e Obra | 18 |
| 3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 23 |
| 3.1- A História da Museologia | 23 |
| 3.2- O Objeto como Documento Museológico | 27 |
| 3.3- Conceitos da Documentação Museológica e sua importância..... | 30 |
| 3.4- O Processo da Documentação Museológica..... | 32 |
| 4- A DOCUMENTAÇÃO DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA | 36 |
| 4.1- Metodologia | 36 |
| 4.2- Resultados da Pesquisa..... | 41 |
| 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS | 45 |
| 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 46 |
| 7 - ANEXOS..... | 49 |

1- INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Museologia propõe documentar o acervo de xilogravura (Coleção São Paulo), pertencente à Fundação Hansen Bahia com sede no município de Cachoeira, que é conhecida como Cidade Monumento Nacional por ser um lócus de riqueza cultural, já que abriga uma mescla da presença europeia e negra, notada até hoje em suas ruas, praças, becos, manifestações culturais e religiosas.

A Fundação Hansen Bahia (FHB) é uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, mantida financeiramente por meio de convênios firmados com órgãos oficiais e da iniciativa privada, que tem como objetivos principais preservar e defender os bens culturais, as criações artísticas e literárias; divulgar as manifestações artísticas e culturais, bem como, incentivar as Belas Artes, especialmente a xilogravura. As atividades realizadas através da instituição são exposições anuais tendo as visitas monitoradas e exposição de curta-duração, sendo que esta pode ser exposta em outras cidades e locais. Este pode ser um instrumento de pesquisa para estudantes, professores e o público em geral.

A Fundação Hansen Bahia pode ser caracterizada como uma instituição museológica, já que se encaixa na definição de museu apresentada pelo Conselho Internacional de Museus - ICOM, em (2001, p.1)¹

“Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.”

Segundo Sybine (2010, p.345), “a origem da Fundação Hansen Bahia remonta ao desejo do seu fundador Karl Heinz Hansen em partilhar com o mundo a sua obra composta de uma técnica que dominava eximamente. O artista alemão mais baiano que já existiu certa vez afirmou [...] 99% do que se diz é bobagem [...] minha língua é a gravura [...]”

1 Esta definição foi aprovada pela 20ª Assembleia Geral. Barcelona, Espanha, 6 de julho de 2001. Ressalta-se que nesta definição inclui-se “Os centros culturais e demais entidades, que facilitem a conservação e a continuação e gestão de bens patrimoniais, materiais ou imateriais”. Disponível no site do Sistema Brasileiro de Museus: <http://www.museus.gov.br/sbm/oqueemuseu_museuicom.htm>. Acesso em 26 de agosto de 2013.

Por meio da xilogravura, o artista se comunicava com o mundo. Hoje, por meio da exposição, esta interação entre homem e objeto é constante. Neste sentido, a Fundação Hansen Bahia pode ser compreendida como espaço de socialização, uma vez que o público pode vivenciar as experiências afetivas, sensoriais, intuitivas e cognitivas através das obras produzidas por ele.

Para Chagas (2010, p. 37), a relação do homem com o objeto em um cenário institucionalizado é estudado pela Museologia. Conforme Guarnieri (1990, p.7), “a Museologia é a ciência que estuda o fato museal, que se caracteriza pela relação entre o ser humano e o objeto dentro de um contexto institucionalizado e ideal, que é o museu.”.

A mesma autora (1990, p.8) afirma que “a Museologia pode ser definida a partir do fato museal- este é a relação profunda entre o homem (sujeito que conhece) e o objeto (testemunho da realidade). Realidade esta que o homem também participa e sobre a qual ele tem o poder de atuar. Nesta perspectiva, nasce uma tríade composta por homem, objeto/cenário e museu- elementos que aparentemente isolados, interagem entre si, provocando sensações, como exposto anteriormente.”

No entanto, é importante destacar que um objeto qualquer pode se tornar um documento museológico, quando este sai do fluxo da vida funcional e é colocado num determinado contexto institucionalizado. Para Cândido (2006, p.14), “assim, dentro do contexto museológico, em especial o expositivo, o objeto se resignifica obtendo o status de documento.”

A documentação museológica de um objeto permite conhecer as suas características intrínsecas (propriedades físicas) e extrínsecas (função, significado e história); além de identificar as relações possíveis entre objeto/espço/individuo. Ou seja, o ato de documentar possibilita descrever o objeto por meio de palavras ou de imagens. Assim, pode-se dizer que a Documentação Museológica é uma das áreas específicas da Museologia, responsável pelo fazer museológico de outras ações existentes no museu, abrangendo atividades que variam desde a coleta, armazenamento, tratamento, organização até a disseminação e recuperação da informação.

Um sistema de documentação museológica eficiente no olhar de Hernández Hernández (2001 apud Yassuda, 2009 p.15), “deve abranger as características: de confiabilidade, flexibilidade e economia. A confiabilidade diz respeito a assegurar a

cobertura de todos os processos de documentação. Já a flexibilidade trata sobre a possibilidade de adaptar-se a variados tipos de museus e de coleções; e por sua vez, a economia seria a capacidade do sistema em oferecer a informação solicitada no menor tempo possível, ou seja, a dinamicidade do processo.”

É fundamental documentar todo o acervo de uma instituição museológica, para que ela possa cumprir sua função social de ser promotora e divulgadora do conhecimento adquirido através destas obras e ao mesmo tempo, mostrar a importância do acervo de xilogravura da Coleção São Paulo, utilizando como instrumento a ficha catalográfica.

A escolha metodológica foi a pesquisa-ação, já que este método propicia um envolvimento total do pesquisador com o objeto de estudo. Conforme Tripp (2005, p. 443), “a pesquisa-ação é toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática.”

A motivação para desenvolver esta temática ocorreu durante a realização do estágio obrigatório no primeiro semestre de 2013 na Fundação Hansen Bahia. Momento para conectar os conhecimentos adquiridos durante o Curso de Graduação em Museologia da UFRB a prática profissional. Assim, aos poucos, surgiu o desejo de aprofundamento na área de Documentação Museológica. Primeiramente, foi realizada uma breve introdução sobre o tema e algumas discussões sobre a Museologia e Documentação Museológica pelos seguintes autores: Waldisa Russio Guarnieri, Mário Chagas, Maria Ignez Cândido, Hernández Hernández e Silvia Yassuda. O segundo capítulo versa sobre um breve histórico da cidade de Cachoeira, o papel da Fundação Hansen Bahia no contexto da cidade e a importância de Hansen Bahia e suas obras. O terceiro capítulo trata da Fundamentação Teórica do Trabalho de Conclusão de Curso, desde a História da Museologia na Grécia até o desenvolvimento da mesma no século XX. O terceiro capítulo aborda os conceitos e as técnicas da Documentação Museológica. O quarto capítulo trata da metodologia e os resultados da pesquisa. O quinto capítulo apresenta as considerações finais e aponta sugestões para a continuidade do trabalho de documentação museológica do acervo de xilogravura (Coleção São Paulo) e de outras coleções pertencentes à Fundação Hansen Bahia.

2- O MUNICÍPIO DE CACHOEIRA E A FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA

2.1- Breve histórico de Cachoeira

O município de Cachoeira é situado na Baía de Todos os Santos, às margens do rio Paraguaçu no Recôncavo² e foi denominado de Freguesia Nossa Senhora do Rosário (1674). Posteriormente se transformou em Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira do Paraguaçu (1698), sendo colonizada por famílias portuguesas. Assim, teve como primeira Capela a de Nossa Senhora da Ajuda, por iniciativa do Capitão Álvaro Rodrigues, que deixou a seus descendentes a responsabilidade de conservá-la.



FIGURA 1- Mapa de Localização da cidade de Cachoeira.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE 2010.

Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=290490>>.

Acesso em 26 de agosto de 2013.

² Segundo Santos (2010, p.26), “O Recôncavo Baiano é uma faixa de terra que se estende ao redor da Bahia de Todos os Santos, como podemos observar na imagem acima, e que ficou muito difundido por autores como Stuart Schwartz e Bert J. Barickman através de suas publicações sobre cana-de-açúcar, Senhor de Engenho, escravo e o plantio da mandioca e do fumo, respectivamente. É também uma região que contempla toda esta realidade de pluralidade da cultura popular brasileira – a capoeira, o acarajé, o saber fazer dos mestres de viola, o candomblé, suas festas, o carnaval de Maragogipe – ao qual os artigos 215 e 216 da Constituição Federal Brasileira de 1988, mencionam indiretamente como alvo de proteção do Estado e como portadores de referência à identidade, à nação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O Dossiê de Candidatura do Samba de Roda do Recôncavo Baiano para a Terceira Proclamação das Obras Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade (2004,p.12-13), enviado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) define o Recôncavo como vasta faixa litorânea que circunda a Baía de Todos os Santos, à entrada da qual se ergue a cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia. Disponível em:<portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=723>. Acesso em 20 de julho de 2013..

As terras foram doação de D. Álvaro da Costa ao fidalgo português Paulo Dias Adorno. Ressalta-se que eram terras férteis, propícias para o cultivo da cana-de-açúcar e tal localização privilegiada foi o fator determinante para o desenvolvimento da economia local.

Conforme Barbosa (2010, p.13), “a garantia dos portugueses nas terras brasileiras consistia na fertilidade do seu solo para a produção de açúcar e, por isso, multiplicaram-se os engenhos. Além do engenho, existiam a casa grande e a senzala, um núcleo patriarcal (onde família e trabalho se mesclavam), formando o traço estrutural da vida cotidiana nos primeiros anos de colônia.”

Para Mello (2001, p.25), “a construção da residência da Família Dias, da senzala, da capela e engenho foram trazidos, não se sabe quantos escravos. Porém acredita-se que acima de 150 escravos, pois só o trabalho do engenho exigia 50 homens.” Sobre a importância que Cachoeira ia construindo nos seus primeiros séculos, Bahia (2007, p.4) afirma que:

“Entre os séculos XVI e XVIII, a cidade foi desenhando um perfil de exploração agrícola que concentrou nas cidades de Muritiba, Cruz das Almas e São Gonçalo as plantações de fumo e mandioca, reservando as demais para a monocultura da cana-de-açúcar. As lavouras de cana-de-açúcar, algodão e fumo foram as primeiras e por muito tempo as mais importantes fontes de exploração econômica, demandando grande contingente de mão de obra escrava, que daria contornos novos a formação de sua identidade cultural.”

O desenvolvimento urbano e comercial desta região estava associado à exploração da mão-de-obra escrava, o porto, o comércio através da navegação pelo Rio Paraguaçu. Conforme Barbosa (2010, p.12), “o porto de Cachoeira era essencial para escoar a larga produção açucareira, enviá-la ao porto da Capital, que no século XVIII era o mais movimentado do Atlântico Sul, onde se localizavam as casas de exportação e, por conseguinte, onde eram realizadas as transações comerciais.”

Por estas razões Cachoeira alcançou um nível de prosperidade até o século XIX. Neste período, era a vila considerada de maior importância da província da Bahia, projetando-se também no cenário político nacional, já que foi palco dos primeiros movimentos de libertação contra o domínio português no Brasil.

Sobre o período áureo vivido por Cachoeira, Barbosa (2010, p.19) diz que:

“Cachoeira chegou a ser sede do governo por duas vezes: a primeira, durante as lutas pela independência da Bahia, sendo sede da Junta Governativa e depois, do Governo Provisório em 1822, fato que posteriormente, lhe rendeu o título de “Cidade Heroica”. A segunda, em 1837, durante a Sabinada. Até a primeira metade do século XIX, Cachoeira viveu sua era de ouro, sendo considerada [...] sem dúvida a mais rica, populosa e uma das mais agradáveis vilas de todo o Brasil. Numerosas vendas e armazéns cheios de vários artigos europeus revelam o alto grau de movimentação de seu comércio”.

Para o mesmo autor (2010, p.20), “a História do Brasil é marcada por ciclos de prosperidade, ora de estagnação econômica e com Cachoeira não foi diferente. A cidade passou no final do século XIX por um período de crise econômica, que fez com que cerca de um terço de sua população migrasse para outras regiões, fugindo da pobreza. Na tentativa de superar a crise, algumas construções foram realizadas neste período como, por exemplo: a Estrada de Ferro Central da Bahia (1860 a 1880) e a Ponte D. Pedro II (1882-1885).”

Considerando sua trajetória, Cachoeira deixou marcas históricas como o registro da nobreza do seu passado, inscritas na cultura material e imaterial. Por isto este município baiano foi tombado pelo Instituto do Patrimônio e Histórico Artístico Nacional (IPHAN) em 1971, e passou a ser considerada “Cidade Monumento Nacional.”³ **(Figura 2)**



FIGURA 2- Portal da cidade de Cachoeira.
Fonte: Autora, 2013.

3 A cidade de Cachoeira foi erigida em Monumento Nacional pelo Decreto Lei nº 68.045, de 13/01/1971. Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico sob Inscrição: 049.. Nº Processo: 0843-T-71.Disponível em: http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_arque.gif&Cod=1027. Acesso em: 30 de agosto de 2013.

Barbosa (2010, p.21) diz que “depois de Salvador, Cachoeira é o município baiano, que reúne o mais importante acervo arquitetônico no estilo Barroco. São casas, igrejas, prédios históricos, dentre outras construções, que preservam a imagem do Brasil Império. Ressalta-se que esta foi uma das poucas cidades que receberam a presença ilustre do Imperador D. Pedro II e da Princesa Isabel (em 1858 e 1885). O prédio construído no século XVII, que hospedou a nobreza portuguesa, hoje abriga a Fundação Hansen Bahia.”

Atualmente, Cachoeira sobrevive do turismo cultural e a mesma possui um patrimônio cultural imaterial que evidencia as múltiplas particularidades do Recôncavo Baiano através da gastronomia, música, manifestações culturais, religiosidade e seu povo.

2.2- A Fundação Hansen Bahia

A Fundação Hansen Bahia é uma instituição cultural e educativa sem fins lucrativos⁴, mantida através de convênio com a Secretaria de Cultura do Estado, por meio do Fundo de Cultura da Bahia, com o objetivo de desenvolver atividades relacionadas ao seu acervo, realizar exposições anuais de curta-duração, promovendo assim a difusão cultural. **(Figura 3)**

A instituição tem reconhecimento nacional e internacional e é responsável pela salvaguarda do acervo de Karl Heinz Hansen e Ilse Hansen. Este acervo é composto de aproximadamente doze mil peças do próprio Hansen e mil peças de Ilse além de muitas assinadas por outros artistas. Outros objetos como ferramentas de trabalho, mobiliário e objetos pessoais compõem o acervo da Fazenda Santa Bárbara em São Félix e o prédio em Cachoeira.

O museu tem como objetivos preservar o acervo de Hansen Bahia e Ilse e divulgar a produção artística cultural do Recôncavo Baiano, proporcionando assim

⁴ A Fundação é uma das treze instituições de caráter privado que recebe recursos do Fundo de Cultura, através do Programa de Apoio às Ações Continuadas de Instituições Culturais da Bahia. A Bahia é o único Estado Brasileiro que construiu um programa de apoio. Fonte: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (2013, s.p).

Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/2010/12/09/exposicao-do-acervo-de-hansen-bahia-comemora-reabertura-da-sede-em-cachoeira-e-marca-inicio-de-nova-gestao-da-fundacao/>. Acesso em 20 de agosto de 2013.

maior reflexão sobre a vida do artista, suas obras e a técnica da xilogravura.



FIGURA 3- Fachada do Prédio da Fundação Hansen Bahia.
Fonte: Autora, 2013.

2.2.1- Hansen Bahia: Vida e Obra

Karl Heinz Hansen, ou simplesmente Hansen Bahia (**Figura 4**) nasceu em 19 de abril de 1915, na cidade de Hamburgo, norte da Alemanha.

Entre 1936 e 1945, Hansen Bahia serviu como soldado na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e atuou como ilustrador de histórias infantis. O período de iniciação artística de Hansen coincidiu com o desenvolvimento da gravura alemã e com os vários movimentos artísticos importantes na Europa no início dos anos 40 do século XX. A sua primeira xilogravura foi produzida em 1946, tendo como tema a sua terra natal, em seu momento de reconstrução no Pós-Guerra. Assim, Hansen tornou-se um mestre na arte tradicional do seu País: a xilogravura, técnica que se dedicou durante anos.



FIGURA 4- Retrato e auto-xilogravura de Hansen Bahia.

Fonte: <http://amalgamanegra.blogspot.com.br/2010_04_01_archive.html>
Acesso em 20 de agosto de 2013.

Segundo Sybine (2010, p.317) comenta que:

“Para Hansen, a xilografia se torna uma linguagem artística exclusiva, criando nas suas gravuras uma identidade própria. Seu duelo como artista, é com a matéria resistente da matriz, nos vários exemplares de madeira que utilizou na pesquisa, resultante da incisão e da força no seu trabalho como gravador. O seu instante de diálogo com a matéria, é um embate que Hansen transformava em sua arte, técnica e poética.”

Autodidata na técnica que lhe garantiu sucesso internacional, Hansen Bahia talhava a madeira com precisão e perfeição partilhada por poucos. Em 1950, ele deixou a Alemanha (juntamente com sua família) e teve como destino o Brasil. Em São Paulo, o mesmo trabalhou para a Companhia Melhoramentos até 1955, como ilustrador.

Em 1957 ilustrou a publicação *Flor de São Miguel*, com textos de Jorge Amado (1912-2001), Vinicius de Moraes (1913-1980) e de sua autoria. Depois de um tempo no Brasil, o alemão se despediu com a exposição *A Bahia de Hansen* e volta ao seu país. Na Alemanha, conheceu aquela que seria sua esposa, companheira e musa, além de ser uma de suas alunas, Ilse Stromeier. Hansen viaja até a Addis Abeba na Etiópia, atendendo um convite do Imperador e funda um Curso de Artes Gráficas e Xilogravura naquele país.

Em 1966, ele retornou ao Brasil juntamente com Ilse (**Figura 5**). Como tinha um espírito aventureiro: “eles chegaram pelo Rio de Janeiro e fizeram uma viagem

de carro para a Bahia. Não deu outra: Ilse também se encantou pela Bahia.”⁵ Os dois foram viver em Salvador e em 1967, Hansen tornou-se professor de artes gráficas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em 1970, o casal comprou a Fazenda Santa Bárbara, em São Félix.



FIGURA 5- Casal Hansen Bahia e Ilse.

Fonte: <http://www.ufrb.edu.br/reverso/wpcontent/uploads/2013/03/Funda%C3%A7%C3%A3o.jpg>. Acesso em 20 de agosto de 2013.

Hansen Bahia e Ilse desenvolveram em Cachoeira e em São Félix, um mundo particular para as suas produções artísticas e para sua relação com o próprio mundo; já que estavam cansados do crescimento urbano que tomava conta da orla de Salvador e queriam um lugar onde pudessem realizar o sonho, de viver em paz com a natureza e sua arte. Sendo assim, projetou uma casa na Fazenda Santa Bárbara, passando a morar lá Assim, morou numa casa em que ele mesmo projetou na Fazenda e o casal pode encontrar a tranquilidade tão sonhada.

Em 1976, o casal qual doou “de porteira fechada” a Fazenda Santa Bárbara à Fundação Hansen Bahia como tributo de amor às cidades geminadas, Cachoeira e São Felix e como um instrumento de preservação das suas obras. Hansen Bahia faleceu aos 63 anos de câncer em São Paulo, apenas dois meses depois de

⁵ Em 21 de julho de 2009, Lêda Deborah, Curadora do acervo da Fundação Hansen Bahia deu entrevista a Annalice Del Vecchio do Jornal Gazeta do Povo. Disponível em:< <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=907229&tit=Artista-alemao-com-a-Bahia-na-alma-e-no-nome>>. Acesso em 23 de agosto de 2013.

inaugurar a primeira sede da Fundação no dia 14 de junho de 1978 e suas cinzas foram trazidas para a Bahia, terra do seu coração. Os ossos de Ilse encontram-se no memorial póstumo em São Félix, conforme sua vontade testamentada.

Em seus trabalhos Hansen tinha o homem como temática central. Seu estilo expressionista⁶ evidenciou temas como: homens, mulheres e crianças convivendo em prostíbulos, ladeiras, becos e porões; buscando sempre mostrar em sua arte, as pessoas menos favorecidas, ou seja, excluídas (socialmente, economicamente e politicamente).

Sybine (2010, p.2) diz que:

“Hansen é o artista que capta a constância popular e as transforma em construções plásticas, apresentam tanto uma realidade própria como uma tradução da rica miséria baiana, sendo seus principais personagens nas estampas protagonizados por marinheiros, bêbados e prostitutas.”

O autor ainda completa que as questões sociais era uma temática recorrente na obra de Hansen Bahia, mencionada nas primeiras pinturas produzidas ainda na Alemanha, mostrando os horrores da cidade de Hamburgo totalmente destruída pela Primeira Guerra Mundial. As más lembranças e os horrores da guerra foram retratados em obras como as da série "Drama do Calvário", em que substitui o sofrimento de Cristo pelo dos judeus perseguidos pelo nazismo.

O mesmo autor (2010, p.15) comenta que “em suas obras desenvolvidas na Bahia, Hansen Bahia passou a reproduzir cenas marcantes da sociedade. Então, por meio da sua arte conseguiu exorcizar seus fantasmas, seu doloroso holocausto, com a dignidade de quem sabe o que é ter uma úlcera aberta pelo nazismo, na memória da história moral do mundo.”

Hansen Bahia pôde encontrar na cultura e no povo singelo, rústico, espontâneo, os temas que tanto lhe inspirariam pelas próximas décadas. Assim, o alemão com alma brasileira, afirmou (mais de uma vez): “- Nasci outra vez na Bahia. Minha arte é também outra coisa, mais leve, mais rica. Não gosto de nada que fiz

6 O Expressionismo foi um fenômeno hegemônico cultural na Alemanha, presente nas artes gráficas, na pintura, na escultura, na literatura, no teatro, na música, na dança e no cinema, assumindo formas mais radicais, onde a expressão do sentimento tem mais valor que a razão. Na Alemanha, o Expressionismo tornou-se a base para o entendimento do temperamento do homem nórdico. Iniciou-se como um movimento de revolta contra o Impressionismo acadêmico, sendo por oposição, uma extensão deste. Acima de tudo, o Expressionismo é uma tendência permanente e universal da arte, como manifestação exterior de uma necessidade interna. Relaciona-se diretamente com o subjetivo, expresso por temas dramáticos e obsessivos. (MUSEU DE ARTE CONTENPORANEA- SP, 2011, s.p).

antes.”⁷

Em suas obras pelas ruas, bares e prostíbulo, a poética expressionista de Hansen Bahia aparece e Gaglianone (2013, p.8) afirma que:

“A obra de Hansen Bahia também guarda essa identificação com a vida popular, não, porém com caráter de denúncia social, mas nela assimilando-se. Ainda que retrate a prostituição, a pobreza, a inadequação social que se esconde nas gargalhadas restritas aos bordéis e ruas que ganham vida à noite, as mostra durante o dia, à luz de quem quer que as queira ver, na plenitude de sua naturalidade. As prostitutas de suas gravuras não têm a crueza carnal subjacente ao funcionalismo de seu trabalho; a deformação expressionista que apresentam tem graça, é debochada, esparramada em sua naturalidade, que é ambígua. Porque socialmente esfarrapada apesar de humanamente dimensionada. As gravuras, assim, comunicam um mundo que é despido de moralismo.”

Hansen Bahia conseguia expressar a dramaticidade da arte expressionista, através do seu trabalho de talhador. Sybine (2010, p.17) ressalta que “Hansen inovou ao criar suas gravuras e foi na matriz de grande porte, que substituiu os limitados cortes transversais da madeira por placas de compensado” Segundo informações da Enciclopédia Itaú Cultural- Artes Visuais (2012)

“O talho tosco e o traço irregular ,quando passados à estampa conferem-lhe um aspecto desgastado, construindo um mundo de superfícies carcomidas habitado por criaturas, cujos corpos arredondados exibem em sua pele as ranhuras da madeira. O talho, aliás, serve tanto para delinear o contorno dos corpos quanto para formar a superfície estriada de uma coxa ou uma face, amalgamando-os ao chão de velhas tábuas, às camas de cabeceiras arranhadas, às paredes sulcadas, dotando a imagem de um aspecto visualmente homogêneo, como se as pessoas e coisas ali vistas não fossem muito diferentes umas das outras, uma vez que partilham a mesma origem, a mesma lida e o mesmo destino.”

Por fim, conclui-se que a xilogravura de Hansen Bahia tem reconhecimento internacional e seu nome está imortalmente talhado na História da Arte Baiana.

⁷ Gaglianone (2013, p.8) comenta que as citações de Hansen Bahia foram retiradas de três diários, contendo recortes de jornais de 1948 a 1983 (ano que Ilse faleceu) e catálogos de exposições, a respeito de suas obras organizados pelo casal.

3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1- A história da Museologia

O vocábulo museu tem origem na palavra grega *museion* que denominava o templo das musas, locais que se destinava a reunir coleções para a contemplação e estudos em geral. Com o decorrer do tempo, a noção de museu foi se ressignificando. Conforme Cardoso (2010, p.21), “a história dos museus está relacionada às questões dialéticas existente da relação objeto-homem, uma vez que por medo de perder as referências, o homem preserva os objetos e reflete a sua existência através dos mesmos.”

Sobre esta preocupação humana sobre a preservação, Almeida (2008 apud Cardoso 2010, p.21) afirma que:

“Esta preocupação com a perda ou com o esquecimento está refletida na própria etimologia da palavra museu, termo derivado do grego *Museion*, nome de um templo em Atenas dedicado às Musas, que segundo a mitologia grega eram filhas de Zeus com Mnemosine, a deusa da memória.”

Os primeiros museus foram frutos de colecionadores que, ao longo da vida preservavam um pouco da diversidade do mundo, tais como fósseis, insetos, objetos, livros, moedas e até animais empalhados. O colecionismo era uma atividade bastante comum e expressava admiração e identificação do colecionador por algum objeto. De certa forma, as coleções transmitem o poder que o colecionador detém, seja pelo grau de raridade, valor estético ou econômico que existe em cada objeto da coleção. Ressalta-se que esta aquisição de poder pelo meio do ato de colecionar é adquirida através do “ser visto”, da admiração das outras pessoas ao contemplar a coleção.

Sobre o status de que o colecionar tinha, Pomian (1997, p.207) menciona que:

“[...] as coleções que, para os membros do meio intelectual e artístico, são instrumentos de trabalho e símbolos de pertença social, são para os detentores de poder insígnias da sua superioridade e também instrumentos que lhes permitem exercer uma dominação neste meio.”

Para Raffaini (1993, p.23), “No século XV, o colecionismo era moda na Europa e foi durante a efervescência das grandes navegações e da expansão marítima que surgiram os Gabinetes de Curiosidades e as Galerias de Arte considerados espaços destinados a guardar objetos exóticos trazidos das expedições; bem como coleções de famílias reais e pertencentes à igreja católica. Os gabinetes e galerias eram espaços que guardavam um universo dentro dele (objetos de inúmeras tipologias e exóticos, de curiosidades naturais e artificiais, entre outros). No entanto, tais espaços não eram públicos, estes locais eram abertos exclusivamente à elite e/ou pessoas especialmente selecionadas pelos proprietários.”

Segundo Lugli (1998 apud Pôssas 2006, p.16), “os Gabinetes de Curiosidades eram organizados em dois grandes eixos: o Mirabilia (Exemplares do reino animal, vegetal e mineral) e o Naturalia (Objetos produzidos pela ação humana, antiguidades e exóticos que remetiam a povos desconhecidos).”

As investigações destas coleções acontecem a partir do século XVI, por influência do pensamento humanista pela busca de “vestígios” da origem das civilizações.

Conforme Bruno (1996, p.294):

[...] a afirmação do colecionismo como um fenômeno resultante do interesse por uma cultura universal, humanística e científica, e também da estupefação com uma ou outra humanidade, que emergiu das viagens e descobertas, com traços físico-culturais estranhos ao universo medieval europeu.”

Segundo Alexander (2008 apud Cardoso 2010, p.22), “até o século XVI não existia nenhum critério para salvaguardar as coleções, apenas a importância de expô-las. Com o tempo, as mesmas começaram a ser organizadas com critérios mais rigorosos, acompanhados dos progressos das concepções científicas dos séculos XVII e XVIII e assim, foi usada a pesquisa científica para organizar as coleções. Em 1727, Caspar F. Neickel publicou a primeira obra sobre a classificação e a organização das coleções. Esta publicação é pioneira no sentido de arranjo dos espécimes e como devem ser organizadas as peças.”

A literatura aponta dois momentos históricos, que foram importantes para o surgimento das primeiras instituições museológicas no continente Europeu. O primeiro é a expansão dos ideais Iluministas e o segundo, a Revolução Francesa.

Ribeiro diz que (2004, p.38), “o Iluminismo rompe com as estruturas do pensamento medieval e lança uma nova forma de pensar o outro, colocando a razão como cerne do mundo- como instrumento de libertação do homem e baseados nos ideais iluministas surgem os primeiros museus do mundo.”

Para Suano (1986, p.25), “o primeiro museu aberto ao público foi o *Ashmolean* inaugurado em 1653, com o acervo que pertencia à Família Médici. No entanto, sua visitação era restrita somente à comunidade acadêmica da Universidade de Oxford na Inglaterra.” Assim, suas portas eram abertas para aqueles que carregavam consigo uma bagagem cultural e se dedicavam à coleta, conservação, pesquisa e informação. É exatamente neste período que começa a surgir o pensamento preservacionista, onde o objeto não mais ficará exposto somente por ser exótico, mas sim pelas informações nele contidas. Em 1753 foi inaugurado o Museu Britânico em Londres na Inglaterra, também aberto ao público; mas o valor do bilhete de entrada era alto, ou seja, o acesso às coleções continuava restrito à elite.

Para Suano (2008, p.27), “em 1789, a Revolução Francesa realizada trouxe consigo intensas agitações política e social, apresentando assim um pensamento de inovação, mudança e uma nova forma de ver a sociedade. A influência destes ideais auxiliaram os enciclopedistas a disseminar a educação nos países europeus. Nos museus existia a aceitação de uma Política de Nacionalização, onde as coleções não poderiam mais ser desfeitas e as instituições seriam realmente abertas a todo o público. Neste momento, foram desenvolvidos métodos pioneiros de inventário e gestão destas instituições, surgindo assim a decisão de que as instituições não poderiam mais, se desfazer dos objetos adquiridos.”

Foi durante a Revolução Francesa, que nasceu a ideia de museu usada na contemporaneidade. Nesta época, surgiu também a noção de Patrimônio e sua devida proteção ao bem cultural arquitetônico.

Sobre a influência da Revolução Francesa, Cardoso (2010, p.23) afirma que:

“Surge com ela a necessidade de preservar e conservar os bens da Nação, um termo que passa a designar uma unidade perante o Estado, com a ideia primordial de construir uma identidade nacional, estabelecer uma memória

coletiva, na qual o povo sinte-se inserido nessa história, podendo dividir a mesma língua, território, etnia, cultura e tradição.”

Para Friedman (2002 apud Cardoso 2010, p.24), “os primeiros museus nacionais surgem com a finalidade de transmitir as suas histórias de conquistas e glórias, das guerras triunfantes e de sua cultura única no mundo, buscando assim, despertar um sentimento de identidade na população.”

Os museus americanos, diferentemente das instituições europeias são criados para ostentar e expor suas riquezas.

Segundo Cardoso (2010, p.24)

“O primeiro Museu americano, o Instituto Smithsonian tem a intenção de mostrar os aspectos práticos e comerciais do país; além de expandir e difundir o conhecimento entre os homens. Tal instituto foi o precursor na formação dos Museus americanos, que assumiram uma identidade mais voltada para o ensino da ciência e tecnologias do pós-guerra; adotando assim uma lógica de mercado que instiga o “conhecimento” e desenvolve o espetáculo.”

Para o mesmo autor (2010, p.24), “em 1810 foi criada a Casa dos Pássaros considerado o primeiro museu brasileiro localizado no bairro Campo de Santana, na cidade do Rio de Janeiro. Seu acervo era composto por aves e animais taxidermizados e parte de sua coleção foi enviada para o Museu Real, criado em 1818 e aberto ao público.”

Koptcke (2005, p.185) diz que “o Museu Real criado por D. João VI tinha como finalidade adotar o modelo europeu de museu, assim o acervo foi enriquecido com doações de naturalistas. Durante o período do Brasil Império, a criação das instituições museológicas foi intensa. Em 1838 foi criado o Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB); em 1864 o Museu do Exército, em 1868 o Museu da Marinha e em 1871 o Museu Paraense Emílio Goeldi.”

A partir dos anos 70 do século XX, que a Museologia teve destaque no cenário brasileiro, europeu e americano, onde os museus passaram de locais de contemplação à instituições de caráter pedagógico, abertos à pesquisa para qualquer pessoa que se interessasse. Assim, em meados de 1972 ocorreu um evento chamado Mesa Redonda de Santiago, que discutiu a questão do Museu Integral e a participação da comunidade no processo de construção da instituição museológica, respaldados pela função educativa.

Em 1984, durante um encontro realizado com profissionais dos museus em Quebec (Canadá), criou-se o Movimento da Nova Museologia (MINOM), que teve a finalidade de instigar os museus a se afastarem de uma postura elitista; tornando a ação museológica mais abrangente e com a participação efetiva da comunidade. Sendo assim, este movimento trabalha com a concepção de que o museu é deslocado do edifício para o território, as coleções passam a ter um conceito de patrimônio e o público é transformado em comunidade. A partir daí, foram criados os museus de território, ecomuseus e no século XXI, os museus de periferias. Em 1985, o MINOM é criado pelo Prof. Mário Moutinho em Lisboa- Portugal. Para Vitor (2009, p.163), “os museus são instituições abertas que permitem que tanto as próprias instituições quanto os museólogos sejam sujeitos sociais, que interfiram na sociedade.”

Nesta perspectiva, Guapo (2010, p.22-23) afirma que:

“O museu é também destacado como veículo de comunicação de ideias e conhecimento com o público em geral. Devendo preparar-se para estar aberto à comunicação com qualquer indivíduo que o visite, independentemente da sua idade, gênero, religião, etnia, habilitações literárias, entre outros. Pois estes são espaços públicos nos quais é possível através do prazer da aprendizagem construir uma sociedade baseada no conhecimento.”

Sobre o caráter universal que as instituições museológicas adquiriram a partir da Nova Museologia, Tavares (2005, p.49) explica que:

“O museu deve ir para além de suas portas e interferir ideologicamente, na percepção que a população tem de si mesma, da cultura que produz no seu cotidiano para que, assim consciente, possa exercer com plenitude a cidadania.”

3.2- O objeto como documento museológico

Os museus são lugares privilegiados para a construção e reprodução do conhecimento, tendo a cultura material como sua ferramenta de trabalho. Tem como atribuições a preservação, a pesquisa e a comunicação daquilo que é testemunho do homem e do seu meio.

O ato de salvaguardar envolve a coleta, armazenamento, conservação, restauração e documentação. A comunicação diz respeito às exposições, publicações, ações educativas, que tem como finalidade difundir a informação e a pesquisa. Por fim, é um denominador comum que deve estar presente em todas as funções de um museu.

Para Castro e Gasparian (1988, p.34), “se uma das funções de uma instituição museológica é a comunicação, então, o documento é o fundamento da informação.”

Segundo Cândido (2006, p.15), “os museus tem como desafio resguardar os objetos, bem como as informações que eles trazem. Deste modo, tornam-se documentos.” A autora segue afirmando que é por meio da preservação que se pode promover a comunicação, entre o homem e o objeto. Observa-se então, que os museus são instituições que estão intimamente ligados à informação, pois há sempre trocas entre homem e o bem preservado.

Por sua vez, Chagas (1996, p.42) afirma que “o documento é aquilo que pode ser utilizado, para ensinar alguma coisa a alguém.” O autor ressalta que os objetos não são documentos de nascença, mas somente quando o mesmo passa a fazer parte do contexto museológico. Assim, o objeto despe-se de sua função primeira e torna-se um documento.

No entanto, Meneses (1997, p.95) destaca que “o que transforma um objeto em documento, não é uma carga latente, definida de informações, prontas para serem extraídas como o sumo de um limão.” Nota-se então, que as informações contidas no objeto ultrapassam o contexto museológico.

Diante das ideias colocadas, pode-se afirmar que um documento é formado a partir de questionamentos de diversos tipos, desde a matéria-prima, origem, até a sua história (quem o produziu, em que tempo e em quem circunstância). Deste modo, compreende-se que o documento por si só, não possui uma identidade própria; mas ele é construído por meio das informações. Quanto mais fidelidade houver nos dados recolhidos, mais informações poderão ser transmitidas ao público.

É por meio de vários questionamentos levantados acerca do objeto, que se pode extrair informações intrínsecas e extrínsecas sobre o mesmo (as intrínsecas são próprias e as extrínsecas são obtidas mediante pesquisa).

Conforme Chagas (1996 citando Mensch 1989, p.43), as informações intrínsecas e extrínsecas são levantadas a partir de três itens: as ações de

preservação, pesquisa e comunicação:

1. Propriedades físicas

a - Composição material

b - Construção técnica

c - Morfologia, subdividida em:

- Forma espacial e dimensões
- Estrutura de superfície
- Cor
- Padrões de cor e imagens
- Texto

2. Funções e significados

a - Significado primário

- Significado funcional
- Significado expressivo (valor emocional)

b - Significado secundário

- Significado simbólico
- Significado metafísico

3. História

a - Gênese

- Processo de criação do objeto (ideia + matéria-prima)

b - Uso

- Uso inicial (geralmente corresponde as intenções do criador / fabricante)
- Reutilização

c - Deterioração

- Fatores endógenos
- Fatores exógenos

d- Conservação, Restauração.

Diante do exposto, pode-se inferir que no momento em que são identificados os dados intrínsecos e extrínsecos, o objeto museológico alcança seu potencial; estabelecendo-se como bem cultural. A partir do conjunto destas informações é que o indivíduo ou a sociedade o reconhece como tal.

É importante lembrar que as muitas informações estão no próprio objeto. No entanto, a sua história dentro da instituição também deve ser devidamente

documentada; uma vez que o objeto ao entrar numa instituição museológica continua a ter vida; já que participa de exposições, recebe os procedimentos de conservação e intervenções diretas de restauração e com a pesquisa lhe são acrescentadas novas informações, demandando uma permanente atualização das informações. Assim sendo, o trabalho da documentação é algo constante.

3.3- Conceitos da documentação museológica e sua importância

O termo documentação deriva do verbo de documentar, que significa reunir documentos sobre um determinado assunto, cuja organização pode ser realizada por alguém ou por uma equipe responsável pela sua salvaguarda. No que tange ao âmbito museológico, Yassuda (2009, p.22) ressalta que:

“A documentação museológica representa um dos aspectos da gestão dos museus, destinada ao tratamento da informação em todos os âmbitos, desde a entrada do objeto no museu até a exposição. Neste processo estão envolvidas tarefas direcionadas à coleta, armazenamento, tratamento, organização, disseminação e recuperação da informação. Considerando os documentos como registros da atividade humana, a documentação serve como instrumento de comunicação e preservação da informação no âmbito da memória social e da pesquisa científica.”

Segundo Loureiro (2008, p.46), “a documentação museológica significa integrar em conjuntos significativos as tradições, diferenças e dispersões que caracterizam as ciências, saberes e discursos contemporâneos em benefício dos mais diferentes grupos sociais.”

Neste olhar, a documentação museológica possui uma função sociocultural, já que o seu processo procede diretamente dos objetos ou de outras fontes de informação. Sendo que tais informações podem servir como fonte de conhecimento ou de pesquisa, enfatizando o caráter educacional do museu.

Por sua vez, Ferrez (1994, p.65) menciona que a Documentação Museológica é:

“O conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem

(fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento.”

Tal afirmação ratifica as ideias que foram colocadas, e ao mesmo tempo, acrescenta que na documentação de acervos, um dos objetivos é a transmissão de informação. Sendo que o resultado deste trabalho pode ser obtido através da palavra e da imagem do objeto. Assim, sua finalidade consiste em transformar as informações transmitidas por meio do objeto em um instrumento de estudo, para os pesquisadores e o público em geral.

É importante evidenciar, que a documentação do acervo tem como objetivo contribuir para o bom funcionamento da instituição museológica, uma vez que, a mesma deve cumprir com a sua função social.

Novaes (2000, p.44) comenta que:

“Um museu que não possui suas coleções devidamente documentadas, não poderá cumprir suas funções de gerador, comunicador e dinamizador do conhecimento junto ao patrimônio e a sociedade. Enfim, não será útil ao seu público.”

Neste sentido, a não documentação do acervo transforma o museu em um mero depósito de objetos. Sendo assim, um museu que não oferece acesso pleno das suas coleções ao seu público, não pode ser qualificado como tal.

Para Loureiro (2008, p.104), a documentação é uma ferramenta imprescindível tanto para o desenvolvimento do museu, quanto para o desenvolvimento da ciência, uma vez que:

“A documentação museológica é uma ferramenta indispensável não só para a localização de itens da coleção e o controle dos deslocamentos internos e externos dos objetos, para o desenvolvimento de exposições ou outras atividades do museu, para a recuperação das informações intrínsecas e extrínsecas “contidas” ou relacionadas aos objetos- individualmente ou em conjunto- mas também fonte para a pesquisa em diferentes disciplinas.”

Observa-se então, que a documentação museológica possui um caráter que ultrapassa a limitação do registro e controle do acervo e alcança a pesquisa científica. Isto porque o museu, enquanto instituição tem a responsabilidade de proporcionar meios de transmissão da informação. Deste modo, cabe a ele gerir

sistemas eficientes que permitam o diálogo dos dados vindos dos objetos de seu acervo. Assim, tais dados devem receber tratamento específico para que, dentro de um fluxo informacional, possam se tornar instrumentos geradores de conhecimento.

3.4- O processo da documentação museológica

Yassuda afirma que (2009, p.17), “a documentação em museus é tarefa de responsabilidade da Curadoria, que realiza um trabalho interdisciplinar com profissionais de diversas áreas, envolvendo a pesquisa e o resgate de informações que, assim contribuirão tanto para a geração do conhecimento, bem como para a preservação da memória social.”

Ferrez (1994,p.4) diz que “dentro do processo documental estão a entrada, seleção e aquisição; Organização e controle- registro, número de identificação, armazenagem, catalogação e indexação; Saídas- recuperação e disseminação.”

Castro (1999 apud Yassuda, 2009, p.24) explica que “no processo de documentar, não basta extrair os dados, é indispensável tratá-los do ponto de vista documental, para que ele possa desempenhar seu papel no contexto informacional. Neste processo documental alguns aspectos precisam ser observados como: o uso de uma linguagem própria, padronizada dentro de um vocabulário cuidadosamente selecionado, de acordo com o perfil da instituição e do usuário e as características próprias do acervo, e que auxilie no momento da recuperação da informação.”

É neste sentido que o processo de documentação deve ser realizado por um profissional especialista para tal tarefa, o museólogo. É este profissional que armazenará os dados, complementarará as informações diante das fontes documentais e iconográficas e, assim torná-las compreensíveis aos usuários, seja para utilização em pesquisas ou em exposições.

Sobre este assunto, Botallo (2009, p.24) comenta que:

“O documentalista de museus deverá submeter-se a procedimentos e métodos rigorosos, que incluem o uso de vocabulários controlados, arquivamento hierarquizado, normatizações preestabelecidas, conhecimento de legislação sobre divulgação de imagens e informações, recuperação das informações armazenadas. É por meio da linguagem controlada que a Informação poderá ser democratizada.”

Conforme Ferrez (1994, p.68), o museólogo é o elo entre o indivíduo e o acervo, tendo como função a realização das seguintes tarefas básicas:

- a) Armazenar informações sobre os objetos, individualmente;
- b) Completar essas informações através da literatura e de outras fontes documentais existentes, e de registro fotográfico;
- c) Torná-las acessíveis aos usuários: museólogos/curadores, pesquisadores internos e externos, administradores e o público em geral.

Percebe-se, que é a partir da documentação museológica realizada por um profissional, que os dados colhidos originam um produto. Sendo este o conhecimento, o qual permeará as outras atividades desenvolvidas no museu, como por exemplo, a pesquisa. Para Nascimento (1988, p.91), neste caso a pesquisa museológica é entendida como toda informação, que o objeto possui.

Para Camargo-Moro (1986, p.41):

“[...] é preciso estabelecer um sistema de documentação apropriado para o acervo do museu alvo ou conjunto de museus, baseando-se em estruturas técnicas gerais e especializadas, bem como estabelecimento de uma série de convenções. Estas convenções são essenciais em todo o desempenho do trabalho, pois permitem uma padronização básica essencial.”

Segundo Camargo- Moro (1986, p.45), “as técnicas da documentação de um acervo podem variar, de acordo com a instituição museológica”. Assim, ela aponta que determinados elementos não podem faltar numa ficha catalográfica:

- Nome da instituição;
- Número de Registro da peça;
- Data de ingresso ou aquisição;
- Nome do objeto;
- Descrição;
- Classificação Genérica;
- Forma de ingresso ou de aquisição;
- Origem;
- Procedência;
- Histórico do objeto;

- Observações.

Segundo Yassuda (2009, p.96), “a heterogeneidade do acervo do museu demanda uma amplitude maior dos campos de descrição, de modo a atender a todas as demandas informacionais dos itens da coleção. Nos museus, cada peça do acervo é tratada unitariamente, ainda que faça parte de uma coleção exclusiva. Além disto, qualidades peculiares à instituição museológica, como o perfil do museu (Histórico, Arqueológico, História Natural, Pedagógico, Antropológico e Artes) privilegia um tipo particular de informação, onde as leituras serão diferentes, assim como os valores que permeiam essas leituras.”

Sobre os instrumentos da documentação museológica, de acordo com Camargo-Moro (1986, p.55), tem-se:

- A) Livro de tombo:** Livro onde são registrados os objetos, que entram na instituição; bem como sua baixa.
- B) Arrolamento:** Levantamento dos objetos de uma instituição. Neste arrolamento deve conter informações como: número do registro, identificação e classificação dos objetos, data, autoria, material/técnica, estado de conservação e localização.
- C) Ficha catalográfica:** Ficha onde consta número de registro, data, origem, material/técnica, autoria, modo de aquisição, descrição, histórico, estado de conservação, localização, fotografia do objeto, observações, local e data, assinatura do catalogador.
- D) Catálogo:** Conjunto de fichas de catalogação ordenadas por número de registro de cada peça.
- E) Índice:** Ramificação da ficha catalogação, que tem como função facilitar a recuperação por diferentes entradas, já que apresenta autor, tema e localização no acervo.

F) Etiqueta: É utilizada como legenda para a exposição.

Conclui-se que estes itens são reconhecidos pelo Comitê Internacional de Documentação (CIDOC) pertencente ao ICOM.

Diante do exposto, observa-se que uma das estratégias de trabalho da documentação museológica concentra-se na criação de um sistema padronizado que, além de dar um perfil para a instituição permite um tratamento adequado dos registros do acervo. Neste contexto, o profissional da documentação deve ter como princípio ético no exercício de sua atividade, dar um tratamento igualitário à coleção que está sob sua responsabilidade.

Deste modo, Botallo (2009, p.4) afirma que:

“O documentalista ao estabelecer hierarquias, o faz sob um ponto de vista organizacional, visando facilitar o trabalho de pesquisadores e usuários e nunca para atribuir uma suposta importância ou valorização representativa das coleções sob sua custódia.”

Por fim, o museólogo determina os descritores que permitam que as informações sobre a coleção (ou a obra) possam estar organizadas e disponíveis. Assim, neste processo documental podem ser realizadas as atividades de catalogação e o inventário em banco de dados.

4- A DOCUMENTAÇÃO DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA

No aporte teórico mencionou-se que dentro de um contexto museológico, não basta apenas preservar o objeto, é preciso explorar a possibilidade de informação contida nele e que o caracteriza como documento museológico. E como fazer isso? Atentando para as informações intrínsecas e extrínsecas, que todo e qualquer objeto produzido pelo homem possui. E de que se tratam estas informações intrínsecas e extrínsecas dos objetos? As informações intrínsecas são aquelas deduzidas do próprio objeto, por meio da descrição e análise de suas propriedades físicas. Por sua vez, as informações extrínsecas são aquelas conseguidas de outras fontes; além do objeto. Em cada etapa foi-se buscando informações que contemplasse a essência da documentação museológica, tais como: os acontecimentos históricos que marcaram os anos 50 do século XX (contexto local e global), bem como a vida e obra do autor.

4.1- Metodologia

Segundo Gil (1999,p.26), “metodologia é o conjunto de processos ou operações mentais, que devem ser empregados na investigação científica. Ou seja, é a linha de raciocínio adotada pelo pesquisador no processo de condução de sua pesquisa.

Para realizar a documentação museológica do acervo de xilogravura da Fundação Hansen Bahia, o método científico que melhor se adequava com os objetivos deste trabalho foi a pesquisa-ação com abordagem qualitativa. Pois é um método que permite realizar a pesquisa inserida na ação, além da pesquisa descritiva e bibliográfica.

Sobre este método, Thiollent (1986, p.14) explica que:

“É um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação, no qual os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.”

Observa-se que na pesquisa-ação, o pesquisador é conduzido à produção do próprio conhecimento e se torna o sujeito desta produção, aprimorando a sua prática. Já que na pesquisa-ação existe uma prática pautada na interação entre o conhecimento e a ação; uma vez que não pode haver separação entre pesquisador e objeto.

A coleta de dados ocorreu no período entre 06 de fevereiro a 16 de maio de 2013 e a maior dificuldade encontrada foi em relação ao acesso à Reserva Técnica da Fundação Hansen Bahia. Por várias vezes não foi possível coletar dados, devido à falta de um funcionário que pudesse me acompanhar até o acervo.

A pesquisa foi realizada por fases descritas a seguir:

1 Pesquisa bibliográfica: Esta fase possibilitou buscar na literatura conceitos e explicações referentes à documentação museológica, utilizada para dar embasamento teórico para catalogar as obras do acervo. Portanto, autores como Fernanda de Camargo-Moro (1986), Rosana Nascimento (1988), Helena Dodd Ferrez (1994), Mário Chagas (1996), Maria Inez Cândido (2006), entre outros foram utilizados.

2 Coleta de dados:

- a) Primeiramente foi realizado um recorte do acervo que seria catalogado. Foi eleita a série São Paulo pertencente à década de 1950 do século XX, composta de quinze obras, nos quais foram selecionadas dez obras para serem documentadas.
- b) Feito isso, o livro de registro e as fichas de catalogação anteriores foram consultadas e a intenção era saber se a coleção eleita já havia sido documentada. Em caso positivo, era fundamental verificar as informações existentes e atualizá-las, quando necessário.
- c) Depois localizei as obras através da planilha de arrolamento, que indica a

estante e prateleira de aço em que está guardada cada obra. Logo após, foi realizado o diagnóstico sobre o estado de conservação das obras. Revisão da planilha de arrolamento e continuidade do processo de catalogação na ficha utilizada pela Fundação Hansen Bahia.

- d) Em seguida, o registro fotográfico de cada obra e a digitação das informações na ficha.

Para melhor entendimento dos procedimentos realizados nesta pesquisa, apresento o fluxograma abaixo. **(Desenho 1)**



DESENHO 1- Fluxograma dos procedimentos realizados na documentação museológica.
Fonte: Autora, 2013.

O acervo de xilogravura encontra-se guardado em estantes de aço na Reserva Técnica localizada em Cachoeira. Para melhor conservar o referido acervo, são usados saquinhos com cravos, canela e folha de louro nas estantes, para combater os insetos xilófagos. Na sala da R.T existe um desumidificador para

ajudar no controle ambiental e um extintor de incêndio. **(Figura 6)**



FIGURA 6 - Sala da Reserva Técnica- Cachoeira.
Fonte: Autora, 2013.

As obras da Coleção São Paulo estão guardadas na estante 08, prateleira 04, localizada na Reserva Técnica em Cachoeira. **(Figura 07)**



FIGURA 7 – Estante onde estão guardadas as obras da Coleção São Paulo.
Fonte: Autora, 2013.

Conforme Camargo-Moro (1986, p.54) “É preciso atentar para as especificidades da instituição e estabelecer um sistema de documentação apropriado, que corresponda as suas necessidades.”

A ficha de inventário utilizada pela Fundação Hansen Bahia, corresponde à ficha de catalogação e apresenta dezessete descritores:

1) Número de registro. Corresponde ao número de entrada da peça na instituição, permitindo que a mesma tenha conhecimento sobre a quantidade de peças, que estão sob sua guarda.

2) Identificação: Corresponde ao título da obra dada pelo artista.

3) Autoria: Nome do artista da obra.

4) Técnica: Corresponde à técnica utilizada pelo artista na obra.

5) Material: Informação da matéria-prima que a peça é constituída.

6) Data: Corresponde à data de entrada na instituição ou de produção.

7) Dimensões: Descreve o tamanho da peça relacionando altura x largura e profundidade (se houver).

8) Origem: Relata a cidade onde a peça foi produzida.

9) Estado de conservação: Ótimo, bom, regular e péssimo.⁸

10) Modo de Aquisição: Forma como o objeto deu entrada na instituição, se ele foi adquirido pela própria instituição por troca (permuta), doado por terceiros ou fruto de herança (legado) e compra.

11) Localização: Números da estante de aço e da prateleira, onde está guardada a obra. (Exemplo: estante 08, prateleira 04).

12) Histórico: Descreve a história do objeto.

13) Descrição: Descrição de detalhes da obra.

14) Observações: Observação se a obra está na Reserva Técnica, foi restaurada, se está em exposição.

15) Data: Data em que foi preenchida a ficha de catalogação.

16) Técnico: Assinatura do responsável, que realizou o preenchimento da ficha de catalogação da obra.

17) Registro fotográfico: Imagem da obra.

⁸ Para a qualificação do estado de conservação das obras, considerou-se como: **Ótimo**- Aquela obra que apresenta excelentes condições de conservação; que nunca sofreu nenhum tipo de intervenção e apresenta todas as características originais e uma leve sujidade. **Bom**- Obra cujas características originais encontram-se em boas condições, ainda que já tenham sofrido algum tipo de intervenção, esteja necessitando de reparo, com uma leve sujidade e nenhum ataque por microrganismo. **Regular**- Obra que apresenta sujidades, ataques de microrganismos e necessidade de intervenção. **Péssimo**- Obra que apresenta danos ou perdas de suporte, está descaracterizada devido alguma intervenção, possui manchas causadas por água, ataques de microrganismos, sujidades e necessidade de ser restaurada por um profissional especializado.

4.2- Resultados da pesquisa

A finalidade desta pesquisa é documentar e ressaltar a importância da documentação museológica no acervo de xilogravura (Coleção São Paulo) da Fundação Hansen Bahia.

A) Identificação e autoria:

Foram catalogadas dez obras da Coleção São Paulo apresentadas em ficha de inventário da Fundação Hansen Bahia **(em anexo)** intituladas:

- “Avenida (48).”
- “Esquina (I).”
- “Família (1/a).”
- “Índio dançando (I).”
- “Janela (2/7).”
- “Mãe e filho (I).”
- “Mulher na Rede.”
- “O cavalheiro.”
- “Pedidos de Casamento.”
- “Pescador.”

B) Técnica, material e dimensões:

A técnica utilizada foi a xilogravura inspirada no estilo Expressionista Alemão e apresenta como material/técnica papel e tinta gráfica à base de óleo. Em algumas obras, somente tinta branca e preta, tais como: “O cavalheiro e Índio dançando.” Em outras, o artista Hansen Bahia trabalhou com outras cores como: azul, marrom,, vermelha e amarela. Na coleção São Paulo, as obras “Janela (2/7)”, “Avenida (48)” e “Pescador” possuem tons em amarelo, enquanto que a obra “Pedidos de Casamento (2/6)”, possuem tons azuis.

Segundo informações do Museu de Arte Contemporânea (2011), “O Expressionismo foi um fenômeno hegemônico cultural na Alemanha, presente em

muitas áreas: artes gráficas, pintura, escultura, literatura, teatro, música, dança e no cinema, assumindo formas mais radicais, onde a expressão do sentimento tem mais valor que a razão.” Sendo assim, a Xilogravura de Hansen Bahia foi marcada por ângulos acentuados, contornos e traços sombrios, onde buscava expressar não o fato em si, mas o sentimento do artista em relação a obra “Mãe e filho.”

Sybine (2010, p.7) ressalta que:

“Hansen trabalhava com a madeira dura brasileira e os seus instrumentos eram desde uma afiada lâmina, aos formões, goivas e buril, experimentando outros objetos como carretilha de costura, escovas de aço ou máquinas de furar, desde que servissem para colocar seus devaneios na madeira.”

Sobre as dimensões das obras, as mesmas possuem tamanhos variados. Sybine (2010, p.19) ressalta que “Hansen também inovou ao criar suas gravuras e foi no grande formato de suas matrizes, que substituiu os limitados cortes transversais de madeira por placas de compensado.” A série São Paulo se destaca das demais produzidas posteriormente no quesito dimensão, variando entre 0,25 cm x 0,70 cm, 33 cm x 0,44 cm e 15 cm x 53 cm.

C) Data, origem, modo de aquisição, histórico e conservação:

As obras foram produzidas na década de 50 do século XX, no ano de 1954, auge dos Anos Dourados⁹ no Brasil. A série São Paulo fez parte da produção do artista, no tempo em que morou na capital paulista. Neste período, Hansen produzia gravuras com temas variados, permeado por imagens de diferentes procedências. Como por exemplo, o artista aborda desde temas variados como na obra Índio dançando e a obra Família. O período mais sóbrio terminou quando Hansen chegou à Bahia, onde sua temática mudou completamente, envolvendo o universo da comunicação de massa e ilustrando os dramas, as mazelas da gente e do povo, imprimindo em suas obras o sofrimento das pessoas em meio à beleza da miséria

⁹ Esta expressão se refere aos avanços científicos, tecnológicos, mudanças culturais e comportamentais. Nesta época começaram as transmissões de televisão, provocando uma grande mudança nos meios de comunicação. No campo da política internacional, os conflitos entre os blocos capitalista e socialista (Guerra Fria) ganhavam cada vez mais força. No ramo da música, nascia o novo ritmo, o rock'n'roll. A população urbana aumentou e tornou-se maior que a do campo, 24% da população rural migrou para a cidade em 1950. Houve aumento progressivo do nível de escolarização e o de número de jornais voltados para alcançar as classes mais simples, e possibilitar à elas acesso a conteúdos informativos; assim como as classes mais abastadas já o tinham há mais tempo.

baiana da época.

A origem das obras afirma que sua procedência foi de São Paulo e foram doadas pelo próprio autor em testamento à Fundação Hansen Bahia. Sobre a conservação das obras documentadas, os resultados revelaram que cinco obras foram classificadas como regular e as outras cinco obras como péssimo, de acordo com os critérios expostos anteriormente em nota de rodapé. O item histórico da ficha de inventário está sem preenchimento, pois não foi encontrado nenhum documento que trouxesse esta informação.

D) Localização e descrição:

As obras da coleção São Paulo encontram-se na Reserva Técnica da Fundação Hansen Bahia em Cachoeira- BA. Sobre o item descrição, cada obra foi descrita com detalhes, utilizando o thesaurus de acervos museológicos como base teórica para auxiliar esta atividade.

E) Técnico responsável e observações:

O preenchimento da ficha de inventário foi realizado nos dias 17 e 18 de abril de 2013 pela autora.

Muitos museus não possuem um sistema de documentação adequado, causado por faltas de verba e de infraestrutura. A documentação museológica é um campo bastante rico e, por isso precisa ser explorado através de demandas de trabalho de novos projetos nesta área da Museologia; contribuindo assim para que o museu cumpra o seu papel de não somente salvar os acervos, como também estabelecer um diálogo entre a instituição e o público.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Museologia evidenciou a importância do município de Cachoeira como polo artístico-cultural do Recôncavo Baiano, por meio de um breve histórico. Além disso, contou um pouco da vida e obra do artista Hansen Bahia, salientando seu apreço por esta terra e sua gente, que tanto lhe contagiou a ponto de anexá-la ao seu nome e imprimir seus sentimentos na sua obra, dividindo sua vida em dois períodos: antes da Bahia e depois da Bahia.

O campo de estudo foi realizado no Museu Galeria pertencente à Fundação Hansen Bahia. Esta instituição foi inaugurada em agosto de 1976, atualmente possui trinta e sete anos e um acervo com cerca de aproximadamente treze mil obras de arte de diferentes tipos. Entretanto, existem obras ainda a serem documentadas, uma vez que a documentação museológica é um processo que pode ser sempre atualizado, já que é um trabalho que nasce de outras fontes documentais e, por consequência acaba gerando novas informações.

Por meio da metodologia utilizada associada com as pesquisas descritiva e bibliográfica, foi possível alcançar o objetivo proposto que era documentar dez obras da Coleção São Paulo pertencente à Fundação Hansen Bahia.

Sendo assim, sugiro que a nomenclatura Ficha de Inventário utilizada pela Fundação Hansen Bahia mude para Ficha de Catalogação; uma vez que inventário refere-se a banco de dados. Que o trabalho de Documentação Museológica tenha continuidade através da revisão de livros de registros, planilhas de arrolamento, fichas de catalogação e criação de um banco de dados para as diversas coleções. Além da realização de um projeto de conservação preventiva (Higienização e acondicionamento) e conservação reparadora, destinada à coleção estudada e as demais coleções da instituição. Estas atividades possibilitarão a Salvaguarda, Pesquisa e divulgação dos conhecimentos para estudantes, professores, pesquisadores e o público em geral.

Por fim, acredito que o acervo de xilogravura pesquisado, retrata ao mesmo tempo a simplicidade e a profundidade humana, permeada de simbologia e significados que podem tocar a alma de quem o observa, sentimentos que nenhum museólogo pode descrever em sua ficha, apenas sentir.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHIA, José. **O Jornalismo Regional como Elemento Formador de Identidade do Recôncavo Baiano**. Trabalho apresentado no III ENECULT- Terceiro Encontro de Estudos Multidisciplinares de Cultura, realizado entre 23 e 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador –BA.
- BARBOSA, Magnair Santos. Cachoeira: ponto de confluência do Recôncavo Baiano. In: **Cadernos do IPAC, 2 - Secretaria de Cultura da Bahia**. Salvador, 2010. p.63
- BOTTALLO**, Marilúcia. A Documentação dos acervos contemporâneos: Critérios e Metodologias. In: **Os sentidos do patrimônio e do colecionismo; métodos de registro; transitoriedade e permanência**. Disponível em: < http://www.itaucultural.org.br/conservar_nao_restaurar/papers/PAPER_MARILUCIABOTTALLO.doc>. Acesso em 25 de agosto de 2013.
- BRUNO, Maria Cristina. Museologia: Algumas ideias para a sua Organização Disciplinar. In: **Cadernos de Sociomuseologia** Nº 9- 1996. p.9-37.
- CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: **Caderno de diretrizes Museológicas 1**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006. Segunda Edição p.10-92.
- CARDOSO, Luciana Silveira. O conservar de uma significação. In: **Investigando e diagnosticando os parâmetros ambientais da reserva técnica do museu municipal parque da Baronesa, Pelotas/RS**. 2010.
- CASTRO, Ástrea de M.; CASTRO, Andressa de M.; GASPARIAN, Danuza de M. C. **Arquivística arquivologia: arquivística= técnica, arquivologia= ciência**. Brasília: ABDF, 1985. 145 p. v. 1.
- CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. In: **Musealia**. Rio de Janeiro: JC, 1996. p.37-52.
- ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL - ARTES VISUAIS. **Hansen Bahia**. Disponível em:< http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2000&cd_idioma=28555>. Acesso em 24 de agosto de 2013.
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: **FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU, 4.**, Recife. **Trabalhos apresentados**. Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1994.
- FIORAVANTE, CELSO. **Mostra revê viagens de Hansen Bahia**. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac2704200001.htm>> Acesso em 22 de agosto de 2013.

FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA. Disponível em:<http://www.ufrb.edu.br/col/alunos/hansen/Site%20Museu%20Hansen%20Bahia_5_arquivos/page0029.htm>. Acesso em 30 de julho de 2013.

GAGLIANONE, Isabela. **Pelas ruas, bares e prostíbulos – A poética expressionista de Hansen Bahia.** Disponível em:<<http://30porcento.com.br/blog/hansen-bahia-xilogravura-expressionista/>> Acesso em 22 de agosto de 2013.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. Conceito de cultura e sua interrelação com o patrimônio cultural e a preservação. In: **Cadernos Museológicos**. Rio de Janeiro: IBPC, n. 3, p. 7-12, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Cachoeira**. Disponível em:<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/cachoeira.pdf>> Acesso em 30 de julho de 2013.

_____. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, 1958, vol. XXI.

KOPTCKE, Luciana Sepúlveda. "Bárbaros, escravos e civilizados: o público dos museus no Brasil", In: Chagas, M., (org.) **Museus: antropofagia da memória e do patrimônio**. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº31. Rio de Janeiro: IPHAN, 2005. p.184-205.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. **Museu, informação e arte: a obra de arte como objeto museológico e fonte de informação**. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

MELLO, Francisco José. **História da Cidade da Cachoeira**. Editora Radami. 2001.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **A história, cativa da memória?** **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n.34, 1992, p.9-24.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA/ USP. **Expressionismo**. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/expressionismo/ex_p_alemao/index.html. 2011. Acesso em 26 de agosto de 2013.

NILO, Marcelo. **MOÇÃO Nº 15.112/2013**. Moção de Congratulações pelos 175 anos de Emancipação Política do município de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Disponível em http://www.al.ba.gov.br/docs/proposicoes2013/MOC_15_112_2013_1.rtf>. Acesso em 22 de agosto de 2013.

NOVAES, Lourdes Rego. Da Organização do Patrimônio Museológico: Refletindo sobre Documentação Museográfica". In: **Museologia Social**. Porto Alegre. UE/Secretaria Municipal da Cultura, 2000.

POMIAN, K. **Coleção**. Enciclopédia Einaudi. 1. Memória – História. Porto. Imp. Nac. casa da Moeda, 1984. p.51-86.

PÔSSAS, Helga Cristina Gonçalves. **Saber fazer e fazer saber: os museus de ciência da UFMG: uma contribuição para a reflexão em torno dos museus de ciência universitários**. Belo Horizonte, 2006. 114p.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. Museu contemporâneo e os gabinetes de curiosidades. In: **Revista Receptividades**. Disponível em:<
<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/94/120>> Acesso em 20 de agosto de 2013.

RIBEIRO, Diego Lemos. **“O Museu Nacional e a Musealização do Objeto Arqueológico: Especificidades de um Museu Nacional de Ciências”**. Orientador: Prof. Dr. José Mauro Matheus Loureiro. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Museologia da Universidade do Rio de Janeiro- UNIRIO. 2004, 67p.

SANTOS, Fernanda da Conceição dos. **Documentação do Samba de roda Suerdieck**. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2010.

SANTOS, Milton. A rede urbana do Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998, p.88-93.

SUANO, Marlene. **O que é museu?** 1.ed. São Paulo: brasiliense, 1986.

SYBINE, Evandro. **Karl Heinz Hansen – Hansen Bahia**. Anais: 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”- 20 a 25/09/2010- Cachoeira- Bahia- Brasil. CD-Rom.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. 108p.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa** São Paulo, v. 31, n. 3, Dec. 2005 . p.443-466

VICTOR, Isabel. PARTE V – OS MUSEUS E A QUALIDADE. **Cadernos de Sociomuseologia. Centro de Estudos de Sociomuseologia**, América do Norte, 23 de junho de 2009.


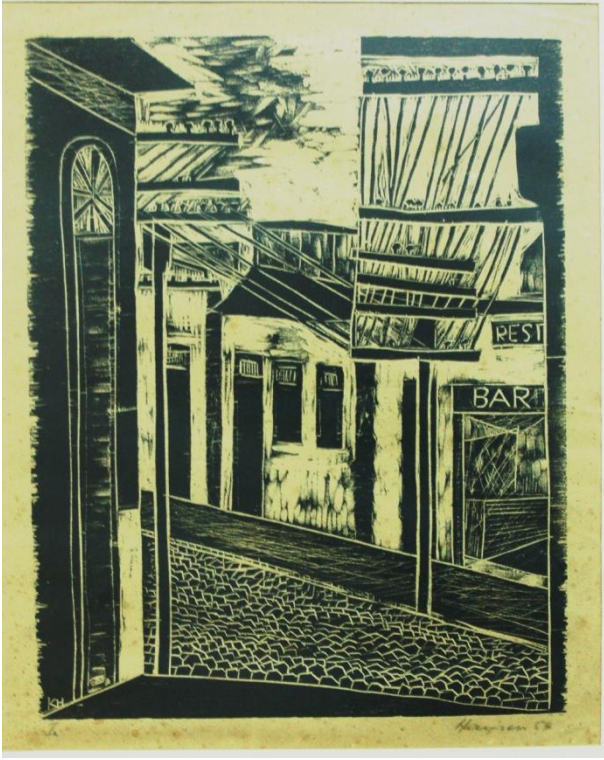
YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Marília: UNESP, 2009. 124p.

7- ANEXOS



ANEXO 1 - FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA COLEÇÃO SÃO PAULO

| FICHA DE INVENTÁRIO | |
|--|---|
|  | |
|  | <p>IDENTIFICAÇÃO: FHB. I. 0031a Avenida (48) Série: São Paulo</p> <p>AUTORIA: Hansen Bahia</p> <p>TÉCNICA: Xilogravura</p> <p>MATERIAL: Papel e tinta gráfica color (preta, amarela e branca)</p> <p>DATA: 1954</p> <p>DIMENSÕES: AT: 15 cm x 53 cm AE: 26 cm x 63 cm</p> <p>ORIGEM: São Paulo</p> <p>ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Péssimo</p> <p>MODO DE AQUISIÇÃO: Doação</p> <p>LOCALIZAÇÃO: Reserva Técnica Estante 08 Prateleira04</p> |
| <p>DESCRIÇÃO: Obra em formato retangular retratando em primeiro plano, figura feminina de costas, cabelo coberto por um lenço, usa vestido branco com faixas diagonais em preto e com a mão esquerda segura cesto apoiado na cabeça em fundo verde.</p> | <p>HISTÓRICO:</p> |
| <p>DATA: 17-04-2013</p> <p>TÉCNICO: Rosenilda Rodrigues de Oliveira</p> | <p>OBSERVAÇÕES: Número antigo: 42 Presença de foxing e manchas na obra. Assinatura do artista e ano da obra no lado direito.</p> |

ANEXO 2 - FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA COLEÇÃO SÃO PAULO

|  | <p align="center">FICHA DE INVENTÁRIO</p> |
|--|--|
|  | <p>IDENTIFICAÇÃO: FHB. I. 0031.d Esquina. (I) Série: São Paulo</p> <p>AUTORIA: Hansen Bahia</p> <p>TÉCNICA: Xilogravura</p> <p>MATERIAL: Papel e tinta gráfica preta e branca</p> <p>DATA: 1954</p> <p>DIMENSÕES: AT: 35 cm x 44 cm AE: 46 cm x 55 cm</p> <p>ORIGEM: São Paulo</p> <p>ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Péssimo</p> <p>MODO DE AQUISIÇÃO: Doação</p> <p>LOCALIZAÇÃO: Reserva Técnica Estante 08 Prateleira 04</p> |
| <p>DESCRIÇÃO: Obra em formato quadrangular, retratando fachada de prédio na cor preta à direita e representação de postes, bar e casas à esquerda. No centro, paralelepípedo no chão e postes interligados com fios. Ao fundo, céu em tons cinza.</p> | <p>HISTÓRICO:</p> |
| <p>DATA: 17-04-2013</p> <p>TÉCNICO: Rosenilda Rodrigues de Oliveira</p> | <p>OBSERVAÇÕES: Número antigo: 3018 Presença de foxing e manchas na obra. Assinatura do artista e ano da obra no lado direito.</p> |

ANEXO 3 - FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA COLEÇÃO SÃO PAULO

|  FICHA DE INVENTÁRIO | |
|---|--|
|  | <p>IDENTIFICAÇÃO: FHB. I. 0031c Mãe e filho (I) Série: São Paulo</p> <p>AUTORIA: Hansen Bahia</p> <p>TÉCNICA: Xilogravura</p> <p>MATERIAL: Papel e tinta gráfica preta e branca</p> <p>DATA: 1954</p> <p>DIMENSÕES: AT: 40 cm x 51 cm AE: 53 cm x 65 cm</p> <p>ORIGEM: São Paulo</p> <p>ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Regular</p> <p>MODO DE AQUISIÇÃO: Doação</p> <p>LOCALIZAÇÃO: Reserva Técnica Estante 08 Prateleira 04</p> |
| <p>DESCRIÇÃO: Obra em formato quadrangular. Em primeiro plano, figura feminina com a cabeça inclinada, usando vestido branco. Com a mão esquerda segura a cabeça do seu filho e com a direita acaricia o seu rosto no colo sobre fundo nas cores branca e preta.</p> | <p>HISTÓRICO:</p> |
| <p>DATA: 17-04-2013</p> <p>TÉCNICO: Rosenilda Rodrigues de Oliveira</p> | <p>OBSERVAÇÕES: Número antigo: 4103 Presença de foxing, amarelecimento e inscrições na obra.</p> |

ANEXO 4 - FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA COLEÇÃO SÃO PAULO

|  FICHA DE INVENTÁRIO | |
|--|--|
|  | <p>IDENTIFICAÇÃO: FHB. I. 0031e</p> <p>O cavaleiro</p> <p>Série: São Paulo</p> <p>AUTORIA: Hansen Bahia</p> <p>TÉCNICA: Xilogravura</p> <p>MATERIAL: Papel e tinta gráfica preta e branca</p> <p>DATA: 1954</p> <p>DIMENSÕES: AT: 40 cm x 52 cm AE: 48 cm x 61 cm</p> <p>ORIGEM: São Paulo</p> <p>ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Péssimo</p> <p>MODO DE AQUISIÇÃO: Doação</p> <p>LOCALIZAÇÃO: Reserva Técnica Estante 08 Prateleira 04</p> |
| <p>DESCRIÇÃO: Obra em formato retangular. Em primeiro plano, figura masculina vestindo terno preto com camisa branca por dentro, com as mãos espalmadas sobre a coxa segurando um chapéu e pernas unidas sentado no sofá com encosto florido de fundo branco, braços decorados com volutas e assento de listras brancas com fundo preto. Ao fundo, parede branca e chão de tábuas corridas.</p> | <p>HISTÓRICO:</p> |
| <p>DATA: 18-04-2013</p> <p>TÉCNICO: Rosenilda Rodrigues de Oliveira</p> | <p>OBSERVAÇÕES: Número antigo: 214 Foxing, rasgo na parte inferior esquerdo e fungos.</p> |



ANEXO 5 - FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA COLEÇÃO SÃO PAULO

| <div data-bbox="268 369 434 497" style="float: left;">  </div> <div data-bbox="788 392 1117 425" style="float: right;"> <p>FICHA DE INVENTÁRIO</p> </div> | |
|---|--|
|  | <p>IDENTIFICAÇÃO: FHB. I. 0031f Janela (2/7) Série: São Paulo</p> <p>AUTORIA: Hansen Bahia</p> <p>TÉCNICA: Xilogravura</p> <p>MATERIAL: Papel e tinta gráfica preta, amarela e branca.</p> <p>DATA: 1954</p> <p>DIMENSÕES: AT: 34 cm x 54 cm AE: 43 cm x 64 cm</p> <p>ORIGEM: São Paulo</p> <p>ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Regular</p> <p>MODO DE AQUISIÇÃO: Doação</p> <p>LOCALIZAÇÃO: Reserva Técnica Estante 08 Prateleira 04</p> |
| <p>DESCRIÇÃO: Obra em formato retangular. Em primeiro plano, representação de janela aberta. Em segundo plano, figura feminina, cabelos pretos, sobrancelhas finas, olhos diagonais, nariz fino, lábios fino, vestido listrado na vertical. Em terceiro plano, figura feminina com lenço na cabeça, sobrancelhas finas, olhos amendoados, nariz largo, lábios carnudos, colar amarelo e vestido branco com desenhos coloridos na altura do lado direito e círculos amarelos sobre fundo preto.</p> | <p>HISTÓRICO:</p> |
| <p>DATA: 17-04-2013</p> <p>TÉCNICO: Rosenilda Rodrigues de Oliveira</p> | <p>OBSERVAÇÕES: Número antigo: 4132 Presença de foxing, amarelecimento, rasgos e pigmento branco na obra.</p> |

ANEXO 6 - FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA COLEÇÃO SÃO PAULO

|  FICHA DE INVENTÁRIO | |
|--|---|
|  | <p>IDENTIFICAÇÃO: FHB. I. 0031g Pescador Série: São Paulo</p> <p>AUTORIA: Hansen Bahia</p> <p>TÉCNICA: Xilogravura</p> <p>MATERIAL: Papel e tinta gráfica preta, amarela e branca.</p> <p>DATA: 1954</p> <p>DIMENSÕES: AT: 41 cm x 53 cm AE: 53 cm x 67 cm</p> <p>ORIGEM: São Paulo</p> <p>ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Péssimo</p> <p>MODO DE AQUISIÇÃO: Doação</p> <p>LOCALIZAÇÃO: Reserva Técnica Estante 08 Prateleira 04</p> |
| | <p>DESCRIÇÃO:. Obra em formato quadrangular. Figura masculina de meia-idade, sedente, usando chapéu na cor branca, de cabeça baixa, camisa e calça branca, fazendo rede de pesca no chão. Ao fundo, plantação de cana de açúcar.</p> <p>HISTÓRICO:</p> |
| <p>DATA: 17-04-2013</p> <p>TÉCNICO: Rosenilda Rodrigues de Oliveira</p> | <p>OBSERVAÇÕES: Número antigo 171 Presença de fungos e perda de informação na obra.</p> |

ANEXO 7 - FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA COLEÇÃO SÃO PAULO

|  FICHA DE INVENTÁRIO | |
|--|--|
|  | <p>IDENTIFICAÇÃO: FHB. I. 0031h Índio dançando (I) Série: São Paulo</p> <p>AUTORIA: Hansen Bahia</p> <p>TÉCNICA: Xilogravura</p> <p>MATERIAL: Papel e tinta gráfica preta e branca</p> <p>DATA: 1954</p> <p>DIMENSÕES: AT: 31 cm x 53 cm AE: 43 cm x 66 cm</p> <p>ORIGEM: São Paulo</p> <p>ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Regular</p> <p>MODO DE AQUISIÇÃO: Doação</p> <p>LOCALIZAÇÃO: Reserva Técnica Estante 08 Prateleira04</p> |
| <p>DESCRIÇÃO: Obra de formato retangular. Figura masculina pedestre, utilizando chapéu decorado com listras, duas penas e bolas, rosto com maquiagem do lado esquerdo maquiagem branca e do lado direito maquiagem preta. Macacão com listras pretas nas cores branca e preta. Cinto de folhas e cueca branca sobre o macacão. O homem está pisando sobre o chão preto e na lateral esquerda, representação de meia parede.</p> | <p>HISTÓRICO:</p> |
| <p>DATA:18-04-2013</p> <p>TÉCNICO:Rosenilda Rodrigues de Oliveira</p> | <p>OBSERVAÇÕES: Número antigo: 4091 Presença de foxing, dobras, pigmento branco, traço marrom no centro à direita da obra. Assinatura do artista e ano da obra no lado direito.</p> |



ANEXO 8 - FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA COLEÇÃO SÃO PAULO

|  FICHA DE INVENTÁRIO | |
|---|---|
|  | <p>IDENTIFICAÇÃO: Pedidos de Casamento (2/6) Série: São Paulo</p> <p>AUTORIA: Hansen Bahia</p> <p>TÉCNICA: Xilogravura</p> <p>MATERIAL: Papel e tinta color (preta, azul e branca)</p> <p>DATA: 1954</p> <p>DIMENSÕES: AT: 41 cm x 54 cm AE: 51 cm x 65 cm</p> <p>ORIGEM: São Paulo</p> <p>ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Péssimo</p> <p>MODO DE AQUISIÇÃO: Doação</p> <p>LOCALIZAÇÃO: Reserva Técnica Estante 08 Prateleira 04</p> |
| <p>DESCRIÇÃO: Obra em formato retangular. Em primeiro plano, duas mulheres pedestres. Ao lado esquerdo, figura feminina cabeça inclinada para a direita, cabelos pretos, olhos diagonais, nariz fino, lábios fino, enrolada num lençol branco listrado e usando botas pretas. No centro, figura feminina pedestre, cabelos pretos, sobrancelhas finas, olhos diagonais, nariz fino, lábios finos, usando sutiã e calcinha branca, espartilho preto e botas pretas; ladeada por cadeira com encosto de ferro retorcido e assento preto. Em segundo plano, fundo azul e espelho com mulher de cabelos preto e longo. Em terceiro plano, homem pedestre usando cartola e traje preto.</p> | <p>HISTÓRICO:</p> |
| <p>DATA: 17-04-2013</p> <p>TÉCNICO: Rosenilda Rodrigues de Oliveira</p> | <p>OBSERVAÇÕES: Número antigo 130 Presença de foxing, manchas e rasgos na obra.</p> |

ANEXO 9 - FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA COLEÇÃO SÃO PAULO

|  FICHA DE INVENTÁRIO | |
|---|---|
|  | <p>IDENTIFICAÇÃO: FHB. I. 0031.i Mulher na Rede Série: São Paulo</p> <p>AUTORIA: Hansen Bahia</p> <p>TÉCNICA: Xilogravura</p> <p>MATERIAL: Papel e tinta gráfica preta e branca</p> <p>DATA: 1954</p> <p>DIMENSÕES: AT: 25 cm x 70 cm AE: 44 cm x 88 cm</p> <p>ORIGEM: São Paulo</p> <p>ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Regular</p> <p>MODO DE AQUISIÇÃO: Doação</p> <p>LOCALIZAÇÃO: Reserva Técnica Estante 08 Prateleira04</p> |
| <p>DESCRIÇÃO: Obra em formato retangular. Mulher deitada na rede vazada com a cabeça atrás da nuca, paredes e fundo branco. Chão nas cores branca e preta.</p> | <p>HISTÓRICO:</p> |
| <p>DATA: 18-04-2013</p> <p>TÉCNICO: Rosenilda Rodrigues de Oliveira</p> | <p>OBSERVAÇÕES: Número antigo; 185 Presença de dobras, rasgo, pigmento branco e manchas no vidro.</p> |

ANEXO 10 - FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE XILOGRAVURA DA COLEÇÃO SÃO PAULO

| <div data-bbox="316 387 486 515" style="float: left;">  </div> <div data-bbox="810 443 1141 474" style="float: right;"> FICHA DE INVENTÁRIO </div> | |
|---|--|
|  | <p>IDENTIFICAÇÃO: FHB. I. 0031 Família (1/a) Série: São Paulo</p> <p>AUTORIA: Hansen Bahia</p> <p>TÉCNICA: Xilogravura</p> <p>MATERIAL: Papel e tinta gráfica preta e branca</p> <p>DATA: 1954</p> <p>DIMENSÕES: AT: 46 cm x 55 cm AE: 55 cm x 70 cm</p> <p>ORIGEM: São Paulo</p> <p>ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Regular</p> <p>MODO DE AQUISIÇÃO: Doação</p> <p>LOCALIZAÇÃO: Reserva Técnica Estante 08 Prateleira 04</p> |
| <p>DESCRIÇÃO: Obra em formato quadrangular. Em primeiro plano, três pessoas sentadas à mesa. À esquerda, figura feminina usando vestido branco e braços cruzados. No centro, figura feminina utilizando vestido, mão direita dentro da vasilha e à esquerda no pescoço. Figura masculina com cabeça baixa, usando lenço, túnica branca e mão esquerda na cabeça.</p> | <p>HISTÓRICO:</p> |
| <p>DATA: 17-04-2013</p> <p>TÉCNICO: Rosenilda Rodrigues de Oliveira</p> | <p>OBSERVAÇÕES: Número antigo: 3015 Presença de riscos, foxing e inscrição 15 na obra. Assinatura do artista e ano da obra no lado direito.</p> |